

**‘MINHA TERRA’ E ‘BOCA-DA-NOITE’:
Lugar e poesia em *Catimbó*, de Ascenso Ferreira¹**

Joranaide Alves Ramos*

RESUMO

Este estudo analisa a relação entre poesia e lugar nos poemas ‘Minha terra’ e ‘Boca-da-noite’, de *Catimbó* (1927), do poeta pernambucano modernista-regionalista Ascenso Ferreira. Para tanto, examinamos alguns conceitos de lugar, de espaço e de topofilia, considerando o modo como recorrendo à poesia, Ascenso revela ou recria o seu lugar de origem ora imaculado, ora vitimado pelo processo de industrialização e de urbanização. Vemos, desse modo, nos poemas selecionados a busca pelo lugar ideal, por momentos desvanecidos no passado, dando a eles permanência e transformando as lembranças em conhecimento presente. Nesse contexto recorreremos ao pensamento teórico de autores de diferentes áreas do conhecimento, tais como Albuquerque Júnior, Cascudo e Tuan.

Palavras-chave: Ascenso Ferreira, Boca-da-noite, lugar, Minha terra, topofilia.

ABSTRACT

This essay analyses the relation between poetry and place on the poems ‘Minha terra’ e ‘Boca-da-noite’, from *Catimbó* (1927) written by the *pernambucano*, modernist and regionalist Ascenso Ferreira. Therefore, some concepts of place, space, topophilia are examined considering poetry as the way appealed to show them, Ascenso reveals or recreate his native land now immaculate, sometimes victimized by the industrialization and urbanization process. We have seen, therefore, in the selected poems the search for the ideal place, for moments faded in the past, making them permanent a turning memories in present knowledge. In this sense, we refer the research of authors from different knowledge areas, as Albuquerque Júnior, Cascudo and Tuan.

Keywords: Ascenso Ferreira, Boca-da-noite, place, Minha terra, topophilia.

...

Ascenso Ferreira² é um poeta que revela em sua poesia o Nordeste do Brasil, através de uma voz

¹ Esta reflexão surgiu a partir da leitura da obra poética de Ascenso Ferreira durante o Curso de Mestrado, durante o qual, tive a orientação crítica e cuidadosa da professora Doutora Gilda Vilela Brandão.

* Está Mestra em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Alagoas e professora do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro – Fasete, de Paulo Afonso-BA. joranaide.ramos@fasete.edu.br

² Nasceu no dia 9 de maio de 1895, em Palmares, município da Zona da Mata, sul de Pernambuco. Já adulto e depois de ter vivido uma fase de produção e inspiração parnasiana, adere ao Modernismo literário brasileiro, tornando-se um dos principais nomes do movimento, em Pernambuco. Morre, no dia 5 de maio de 1965, apenas

Joranaide Alves Ramos

que o leitor-ouvinte gosta e nem sequer pergunta de quem é porque, entre outros motivos, entende os seus poemas como expressões naturais de uma cultura específica, neste caso, a pernambucana.

Ler sua poesia é conhecer Jatobá, Cabrobó, Ouricuri, é usufruir da Cavallhada, do Reisado, do Bumba-meu-boi, do Maracatu, é caminhar por ruas do Recife entre a sua gente e o seu sotaque através de versos melódiosos e ritmados. Neste sentido, Ascenso seria a presença de um Brasil intocado, pois apresenta em sua poesia a angústia de um eu-lírico que ver os engenhos de sua terra morrendo para dar lugar a usinas e arranha-céus.

Seus versos parecem nascer da água e do ar, das “aragens mansas” e do “viço mulato na luz” do dia de sua terra, compondo um lugar ainda não tomado pela cana-de-açúcar e pelos apartamentos sem vida, imagens artificiais que profanam o Capibaribe, tudo isso em versos livres, ondulados e soltos, com frases de conversa e música pelo meio.

Ascenso Ferreira situa-se, pois, cronológica e composicionalmente no período literário conhecido como Modernismo, ainda influenciado por um Romantismo que insiste em acordar, desenvolvendo um compromisso perigoso entre verso livre e verso metrificado; seu poema ‘A cavallhada’ exemplifica isso. Nesse embalo, o poeta pernambucano compõe três livros modernistas – *Catimbó* (1927), *Cana caiana* (1939) e *Xenhenhém* (1951), abandonando definitivamente o Parnasianismo; e se não fosse isso, talvez, sua poesia fosse desconhecida pela crítica e pelos leitores.

Destacamos desta fase modernista o livro *Catimbó*, por entendermos que foi com este livro que Ascenso conseguiu unir, em sua obra, a inovação estilística do modernismo e a valorização das tradições de sua terra. Ou seja, a leitura de seus poemas, torna evidente o “espírito regionalista”, registrado através do princípio de liberdade formal de composição pregado pelo modernismo. Vemos nesta obra o apreço por terreiros, pais-de-santo, catimbozeiros, cantadores e bêbedos, em um ritmo de feitiçaria que atravessa o livro, como o título³ sugere. O perigo de entregar-se a uma leitura pouco crítica de *Catimbó* é não perceber o particularismo exclusivista, bairrista com o qual é composto cada poema, sentimento comum aos tradicionalistas, aos regionalistas. Em contrapartida, é necessário lembrarmos do lirismo e da originalidade que também caracterizam o livro.

quatro dias antes de completar 70 anos.

³ Segundo Cascudo(s/d, p. 257), catimbó é “feitiço, coisa-feita, bruxedo, muamba, canjerê e cerimônias a que se obedece durante a feitura do encanto. Reunião de pessoas, presidida pelo “mestre”[...]. Com breve liturgia o mestre defuma os assistentes com o fumo do seu cachimbo e recebe o espírito de um mestre defunto, mestre Carlos, Xaramundi, Pinavarucu, Faustina, Anabar, indígenas, negros feiteiros como Pai Joaquim, bons e maus [...]”

Por vermos em *Catimbó*, a expressão da terra e da gente pernambucana, aconchego e proteção que brotam neste lugar, é que selecionamos dois dos seus poemas, ‘Boca-da-noite’ e ‘Minha terra’ que apresentam, a nosso ver, uma íntima relação entre o homem e o seu lugar. Para tanto, é necessário entender o conceito de *Topofilia*, já proposto por Yi-Fu Tuan em *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012); de espaço e de lugar, também oferecidos por este autor em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013).

Além dele, recorremos ao pensamento teórico crítico de Durval Muniz de Albuquerque Júnior em *A invenção do nordeste e outras artes* (2006), que traça reflexões sobre a “invenção” do Nordeste, um lugar real e imaginário retratado pela poesia de Ascenso Ferreira; buscamos contribuições de Luís da Câmara Cascudo em *Dicionário do folclore brasileiro* (s/d), que sistematiza o estudo do folclore brasileiro através de verbetes que esclarecem lendas, mitos, superstições, bebidas e comidas tradicionais, entre outros temas fundamentais para a leitura da poesia de Ascenso Ferreira; foi-nos útil também os depoimentos sobre este poeta compilados em *50 anos de Catimbó* (1977), coordenada por Sousa Barros.

...

Como salientamos, Ascenso destaca em sua poesia o Nordeste brasileiro. Segundo Albuquerque Júnior (2006, p. 65-66), o Nordeste surge para substituir a antiga divisão do país em Norte e Sul, mas antes de se constituir como uma unidade verdadeiramente significativa para o Brasil, foi necessário que inúmeros discursos “nordestinizadores” afluíssem aleatoriamente e depois fossem agrupados.

Temos, então, consciência de que o Nordeste é formado por múltiplas histórias de vida e de costumes distintos, no entanto, o que nos interessa aqui não é averiguar se realidade e texto se correspondem. O nosso intuito é entender como Ascenso Ferreira transfigura o Nordeste, mais precisamente, Pernambuco, em seu *Catimbó*. Esse Nordeste a que estamos nos referindo toma forma de “uma nova região nascida de um novo tipo de regionalismo, embora assentada no discurso da tradição e numa posição nostálgica em relação ao passado”, como apontou Albuquerque Jr. (2006, p. 67). Vejamos, pois, “Minha terra” de Catimbó (2008, p. 58):

Minha terra não tem terremotos...
nem ciclones... nem vulcões...

As suas aragens são mansas e as suas chuvas esperadas:
chuvas de janeiro... chuvas de caju... chuvas-de- santa-luzia...

Esse poema demonstra orgulho incondicional sentido por seu eu lírico de ser nordestino (embora, ele não deixe explícito que está se referindo ao “Nordeste”), idealizando, dessa maneira, a sua terra. Inserido em um momento de “criação” da Região, parece que estamos diante de uma perspectiva deslumbrada de representação e a escolha pela terra/pátria se torna facilitadora para a construção de um imaginário ameno, agradável e sugestivo. Nisso, Ascenso está, de certo modo, repetindo o discurso da pátria harmoniosa e bela, já proposto pelo Romantismo:

Que viço mulato na luz do seu dia!
Que amena poesia, de noite no céu:

– Lá vai São Jorge esquipando em seu cavalo na lua!
– Olha o Carreiro-de-São-Tiago!
– Eu vou cortar a minha íngua na Papa-Ceia!

O homem de minha terra, para viver, basta pescar!
e se tiver enfarado de peixe, arma o mondé
e vai dormir e sonhar...
que pela manhã
tem paca louçã,
tatu-verdadeiro
oujurupará...
pra assá-lo no espeto
e depois comê-lo
com farinha de mandioca
ou de fubá.

“Minha terra” apresenta, então, um retrato do paraíso que vive da caça, da pesca, do sonho, onde as chuvas são esperadas, celebrando o primitivo/regional, cultuando o pitoresco, convergindo para a quinta estrofe, formada por elementos sonoros – expressos na aliteração dos fonemas P e K, além da rima – e rítmicos, em uma harmonia de palavras que representam o mundo paradisíaco descrito. Este mundo tem “vida” garantida, senão na realidade, no sonho: “e vai dormir e sonhar”.

O homem de minha terra arma o mondé
e vai dormir e sonhar...
O homem de minha terra tem um deus de carne e osso!
– Um deus verdadeiro,
Que tudo pode, tudo manda e tudo quer...
E pode mesmo de verdade.
Sabe disso o mundo inteiro:
– Meu PadinhoPadeCiço do Joazero!

O homem de minha terra tem um deus de carne e osso!
Um deus verdadeiro...

Os guerreiros de minha terra já nascem feitos.
Não aprenderam esgrima e nem tiveram instrução...
Brigar é do seu destino:
– Cabeleira!
– Conselheiro!
– Tempestade!
– Lampião!

Os guerreiros de minha terra já nascem feitos:
– Cabeleira!
– Conselheiro!
– Tempestade!
– Lampião!

Vemos também em “Minha terra” que, de Ascenso até os dias de hoje, o povo continua devotando a sua fé a um deus de carne e osso “que tudo pode, tudo manda e tudo quer”, “Meu Padi-nhoPadeCiço do Joazero”⁴, esperando pelas chuvas que certamente aplacarão o sofrimento do sertanejo, “chuvas de janeiro... chuvas de caju... chuvas-de-santa-luzia...” que só são vistas na “amena poesia” de que é constituída o Nordeste.

O poema se volta para o Nordeste, aludindo à paisagem local mas sem mostrar uma voz saudosa como em outros poemas de autoria de Ascenso – “A casa-grande de Megaípe”, por exemplo. Ou seja, em “Minha terra”, o eu lírico parece retratar um mundo que ainda é presente. Observamos também que, mesmo quando a voz poemática se refere ao cangaço, o olhar ainda parece encantado, deslumbrado: “Os guerreiros de minha terra já nascem feitos. / Não aprenderam esgrima nem tiveram instrução...”.

Ou seja, eu lírico recorre à religião e ao cangaço, registrando no poema, a cor regional que reivindica o seu lugar “ao sol da literatura”. Julgamos, porém que, embora os elementos recorridos sejam regionais – homem, herói e paisagem –, eles ultrapassam essa barreira, podendo, simbolizar os diversos elementos regionais formadores da nação.

Os poemas de Ascenso Ferreira, poeta inserido em uma projeção estética que acata os ideais modernistas de escritura, são musicais e parecem alimentar-se da ternura e da paixão de viver. A vida presente nos poemas em toda a sua sensualidade, descortina-se diante dos olhos do leitor,

⁴ Cícero Romão Batista (1844 – 1934), segundo Câmara Cascudo (s.d., p. 657),foi o único brasileiro a tornar-se centro de interesse sobrenatural, motivando romarias com finalidades morais e não terapêuticas, que a morte não desvaneceu.

Joranaide Alves Ramos

convidado pelo poeta a experimentar a comunhão entre realidade e fantasia. Não à toa, Augusto Meyer (*apud* Sousa Barros, 1977, p. 70) nota que “esse tônus infantil, ingênuo, na poética de Ascenso – uma poética criadora apenas enquanto embasada no esteio das vivências, das situações existenciais cotidianas – é o traço que nos parece essencial nesse poeta [...]”. É claro que a poética ascensiana vai além do retrato do dia-a-dia, mas por ora, interessa-nos falar apenas sobre esta temática.

Encontramos, pois, em Ascenso, a identificação com a infância vista com olhos lhanamente líricos, embora trate-se ao mesmo tempo de uma poesia documental porque folclórica (enquanto objeto de tradição) da gente, da paisagem, das coisas de sua terra, expressa por meio de uma linguagem organizada a partir da fala popular. Em sua poesia, reconhecemos as imagens de sua infância e o registro das histórias que ele ouviu pelo “meio do mundo”. Segundo seu amigo Luiz Luna (*apud* Sousa Barros, 1977, p. 105-106), Ascenso:

Passava noites e noites apreciando pastoris, mamulengos, bumba-meu-boi, escutando emboladas, ouvindo os cantadores, ponteados de violas, dançando nos cocos, nos xenhêns, nas umbigadas de beira de praia [...]. No Carnaval, Ascenso ganhava o oco do mundo atrás dos maracatus e dos cabocolinhos [...]. Tinha todos os defeitos e virtudes do povo, do povo do Nordeste, as virtudes e os defeitos dele próprio. Era mesmo o Nordeste na sua paisagem humana. Raro, pessoa se parece tanto com uma região.

“Boca-da-noite”, por sua vez e nesse contexto, publicado inicialmente como “Lusco-fusco”, canta a natureza calma no fim de dia, uma natureza imaculada, mas que aparentemente está guardada no passado: “já não brincam como crianças as árvores verdes”:

Boca-da-noite (2008, p. 53-54)

Já não brincam como crianças as árvores verdes,
as lindas árvores verdes de minha terra tropical!

Meninas obedientes vão cedo para o agasalho
e vestem o timão pardacento das sombras!

No rio lerdo as baronesas movem-se lentas,
Tão lentas que até parecem paradas!
– As baronesas que vão a caminho do mar...

Cantam as araquãs na mata silenciosa
onde há rumores confusos de vozes estranhas...
– Talvez pássaros que se aninham!
– Talvez caiporas a gritar!

Ai! Eu tenho medo das caiporas
que andam pelas florestas a vagar...
No azul cansado brilha primeiro o olho vivo da Papa-Ceia!

E eu vejo a boca-da-noite
mastigando o sol
como um fruto passado.

Temos assim, na “Boca-da-noite”, imagens saudosas armazenadas na memória do eu lírico que afigura lembrar-se do rio lento e do movimento lerdo das baronesas – todavia, é importante ressaltar que estas baronesas vão ao encontro do mar; talvez, seja o mar a metáfora da modernidade que se ergue, da literatura que sai do interior do Brasil para alcançar outros mundos. Destacamos também para corroborar as ideias levantadas, o retrato da “mata silenciosa”, repleta de caiporas, habitantes das matas que assombam o imaginário humano, além de araquãs. O sol dá lugar a Papa-Ceia, estrela da tarde que na cidade passa despercebida, devido às luzes que iluminam o ambiente.

Em seus versos, parece haver uma espécie de evocação de imagens da vida alegre no campo, de atividades, de brincadeiras e de figuras que marcaram o momento. Temos ainda a presença dos travessões nos dois poemas: “– As baronesas que vão a caminho do mar... / Talvez pássaros que se aninham!”; marcando o discurso direto, caracterizando a oralidade. É saliente, desse modo, seus poemas ainda, a nosso ver, a forte presença de imagens do cotidiano que nos parecem associadas a pequenas cidades nordestinas interioranas e das tradições populares, pontos distintivos na/da poesia de Ascenso Ferreira.

Assim, as cenas retratadas nesses ou em outros poemas, como “Folha verde” (2008, p. 55-56), mais nos parecem lembradas, caracterizando o passado que vem à tona pela memória, marcado por lirismo, por dor, por saudade e, talvez, por luto, luto por um mundo que sucumbe dando espaço à modernidade que marcava aqueles tempos. É válido destacar que o poeta viveu a sua infância “rodeado” pela paisagem do açúcar que vê seus engenhos tendo seu fogo apagado devido o progresso e o processo de industrialização. Ascenso assiste de perto à penetração da estrada de ferro que para chegar a Maceió – AL, precisou despertar sua cidade natal, a pacata Palmares – PE. É justamente esta mistura de passado e presente que enriquece a poesia ascensiana.

Examinamos ainda em “Boca-da-noite” uma linguagem ligada à natureza, ou seja, uma linguagem metaforicamente orgânica, como se as palavras estivessem vivas e sua projeção desse vida ao texto através de: “árvores verdes”, “terra tropical”, “rio”, “baronesas”, “mar”, “araquãs”,

“mata”, “pássaros”, “florestas”, “Papa-Ceia”, “boca-da-noite”. Podemos dizer também que trata-se de uma linguagem subjetiva que imita a aparência do mundo, que é física mas não toca o real, inventando um mundo simultaneamente autônomo e dependente.

Nestes poemas, o “Catimbozeiro” cria imagens não apenas visuais, mas palavras que dão ao leitor a sensação de estar ouvindo, vendo, sentindo o cheiro e o sabor, tocando os elementos descritos, o que nos incita a dizer que Ascenso também cria música em seus versos. Alguns de seus poemas como ‘Maracatu’ de *Catimbó* ou ‘Trem de Alagoas’ de *Cana caiana*, parecem produzir uma melodia própria, parecem exigir serem lidos em voz alta.

Chegamos até aqui para iniciarmos uma discussão sobre os conceitos de lugar, de espaço e de topofilia que, para nós, parecem intrinsecamente relacionados à poesia ascensiana. Como destacamos, o eu lírico do poeta pernambucano se ver profundamente ligado ao seu lugar de origem e, por isso, em *Catimbó*, sente-se malfadado por vê-lo invadido pela urbanização que transformará o seu regaço. Contra isso, a voz poemática [re]cria os lugares de “Minha terra” e de “Boca-da-noite”; aquele apresenta uma terra amena e poética, sem mazelas e com fartura; enquanto este volta-se ao passado para falar de um lugar que ficou para trás.

Repetimos o termo “lugar” em detrimento da ideia de “espaço” porque acatamos a proposta de Yu-Fu Tuan (2013), de que o primeiro representa segurança e, por isso, estamos conectados a ele; o último é mais abstrato e figura liberdade. Os poemas de *Catimbó*, sem exceção, representam um lugar experienciado, que oferece segurança e estabilidade.

Nesse contexto, destacamos o que afirma Tuan (2013, p. 12): “os lugares são centros aos quais atribuímos⁵ valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”; para corroborar esta ideia é que destacamos os poemas acima. Estes poemas parecem apreender a experiência, a afeição de um homem por seu lugar que, por sua vez, é transformado em poesia, em núcleo de valor. Sobre isto, Tuan aponta (2013, p. 18-19):

Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele [...]. Experienciar é vencer os perigos [...], aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto [...]. A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo

⁵ Salientamos, com isso, que pessoas de diferentes culturas dividem seus mundos, atribuem valores através de procedimentos e técnicas diferentes, embora, todos partam de um mesmo ponto, o ser humano.

da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento.

Com esta reflexão, entendemos que é uma característica da espécie humana apegar-se a lugares, como o lugar onde nasceu, sua nação e extrair deles definição e significado, uma experiência direta e singular; o seu lugar é visto como nutriz, repleto de boas lembranças e realizações que alimentam o presente e o futuro. Essa abordagem é transposta para poesia de Ascenso Ferreira que olha para o passado, saudoso, versando traços nostálgicos de um passado que precisa vir à tona, a fim de preservar as tradições de sua Região.

Com estes poemas, notamos que Ascenso Ferreira prolonga o passado (mesmo em ‘Minha terra’ em que a ação se desenrola em um suposto tempo presente, entendemos que a voz poemática se volta ao passado) que parece mais ameno e prazeroso, a partir da rememoração e da imaginação e assim, este lugar é construído. Vemos, desse modo, a descrição de um lugar que aparentemente um dia, foi acolhedor, além da tentativa de recuperar um passado que se foi, a passagem do tempo e as diferenças entre o vivido e as memórias, mesmo sendo estas diferenças demarcadas de maneira tão sutil, quando o tempo da memória é o que conta: “dos engenhos de minha terra / só os nomes fazem sonhar”.

Acreditamos que o eu lírico ascensiano ver na modernização do seu lugar uma probabilidade de ameaça e vulnerabilidade e, por conseguinte, a desestabilização da humanização e dos valores criados por aquela gente naquela terra idealizada em sua poesia.

Neste sentido, o poeta olha para o passado e tenta reconstruir a tradição ameaçada pela modernização e, por isso, muitas vezes, se apoia na memória, como uma forma de anunciar a região que, embora viva, parece estar encoberta nas sombras do passado. Memória e imaginação são utilizadas a fim de afirmar a identidade local, o seu caráter, a sua alma, que segundo Albuquerque Jr. (2006, p. 65), “foi fundada na saudade e na tradição”, apoiada em textos que foram elaborados para este fim, que buscavam no passado a suposta identidade regional que já estava lá.

Existe, pois, uma realidade múltipla de vidas e de histórias que compõem aquilo que entendemos como Pernambuco e que Ascenso transfigurou de forma colorida em seus versos que garantem, de certa forma, a identidade local. Sublinhamos que, com as ideias regionalistas não apenas os fatores de ordem natural definiriam a identidade da Região, mas, especialmente, os de ordem cultural que levariam a tomada da tão sonhada consciência local. Desse modo,

Inventando tradições tenta-se estabelecer um equilíbrio entre a nova ordem e a anterior; busca-se conciliar a nova territorialidade com antigos territórios sociais e existenciais. A manutenção de tradições é, na verdade, sua invenção para novos fins, ou seja, a garantia da perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 76).

Ou seja, a tradição existe e sempre existiu, o que muda é o modo de manifestá-la através da Arte. Desse modo, Ascenso, um poeta regionalista-modernista, aproveitou-se de elementos tradicionais existentes ou inventados, reorganizando-os, articulando-os, de modo a garantir-lhes novos significados dentro daquela sociedade.

Ascenso registra, pois, aspectos culturais de sua região, e não apenas a miséria, a dor e a seca que se tornaram, não raro, elementos representativos do povo nordestino. Ascenso, segundo Maurílio Bruno (*apud* SOUSA BARROS, 1977, p. 131)

Não é o tipo desse poeta encerrado, para quem o mundo perdeu todo o encanto, desmoronou-se com o passado de sua juventude. Vive no presente com a mesma simpatia intensa dos anos de jovem. Até na poesia evocativa de “Meu carnaval tão longe, tão distante”, a linha divisória do tempo entre o passado e o presente às vezes desaparece e os limites se confundem, o atual se intromete nos domínios do já vivido e torna-se presente nele.

Notamos, pois, outra relação na poesia ascensiana: entre tempo e lugar ou entre tempo e espaço. Para Tuan (2013, p. 147), “a experiência de espaço e de tempo é principalmente subconsciente. Temos um sentido de espaço porque podemos nos mover, e de tempo porque, como seres biológicos, passamos fases recorrentes de tensão e calma”. Nos poemas lidos aqui, essa experiência parece, até certo ponto, consciente e proposital, uma vez que as situações vivenciadas estão presas no passado; ou seja, ‘Minha terra’ e ‘Boca-da-noite’ dependem diretamente do tempo para existir, muito mais que da noção de espaço, visto que os lugares descritos não correspondem a um conceito espacial puro, só se realizam no tempo.

Podemos dizer, no entanto, que o eu lírico traz para junto de si, para o presente, as cenas, os detalhes de outrora, eternizando o passado. Na poesia de Ascenso, lugar e tempo coexistem, entremesclam-se, possibilitando ao leitor conhecer lugares modificados no presente, como ainda resguardados no passado. Enquanto o ser humano, geralmente, prefere o futuro, a frente, a luz, o eu lírico do poeta pernambucano opta por voltar ao que passou como garantia de sobrevivência das lembranças ou como crítica ao processo de modernização e conseqüente esquecimento, para ele, das tradições.

É importante pensar também que muitos dos lugares [re]criados pelas poesia de Ascenso Ferreira são insignificantes para muitos indivíduos. Todavia, sua poesia chama a atenção para áreas de experiência que em outros momentos passariam despercebidas, uma vez que, estas imagens simbolizam o sentimento humano de apego e, por isso, é possível ao leitor dar forma, visibilidade, sentimento e ritmo ao mundo poetizado em seus livros.

Parece-nos útil, ainda nesse sentido, refletir sobre a ideia de topofilia. Tuan aponta que:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscência e o meio de se ganhar a vida. [grifo do autor] (2012, p. 135-136).

Destacamos este conceito porque vemos nos poemas mencionados o lugar descrito como veículo de emoções e sentimentos fortes; notamos uma voz poemática ligada afetivamente à paisagem construída por quem parece conhecer bem o lugar e demonstra consciência do passado.

Acrescentamos que os dois lugares configurados em ‘Minha terra’ e ‘Boca-da-noite’ remontam a simplicidade da natureza e o sentimento sugerido por estes poemas aparece sobreposto à ameaça imposta pela construção da cidade grande, pela vida burocrática e pressões políticas, como vemos em outros poemas de sua coletânea modernista, tais como ‘A casa-grande de Megaípe’, de *Cana caiana* e ‘Vamos embora, Maria de *Xenhenhém*. Nesses poemas, Romantismo e melancolia se misturam. Aparentemente, a natureza é vista como antítese da cidade, independente das condições reais de vida que estes espaços oferecem; o lugar-natural é ideal e despertou no eu lírico sentimentostopofílicos.

Isso se dá porque, não raro, sonhamos com refúgios, lugares hospitaleiros, férteis, envolventes e que ofereçam o provento de necessidades espirituais e materiais, como em ‘Minha terra, que ‘para viver, basta pescar!/ e se tiver enfarado de peixe, arma o mondé/ e vai dormir e sonhar...’.

Com isso, vemos na poesia ascensiana a busca pelo lugar ideal, uma crítica-poética disfarçada em inocência e sutileza enquanto traz à tona, de forma consciente, momentos desvanecidos no

passado, dando a eles alguma permanência, transformando as lembranças em conhecimento presente. O mundo pintado por este poeta é fruto da observação, da experiência íntima e da transfiguração poética que visam uma vida sem luxo e atrelada à natureza e essa simplicidade é notada não apenas pela temática, como também pela linguagem utilizada.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Espaços da saudade. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. prefácio de Margareth Rago – 2.ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, p. 65-106.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d..

FERREIRA, Ascenso. **Catimbó: cana caiana: xenheném**. 5 ed. Recife: Nordestal, 2008.

SOUSA BARROS (coord.). **50 anos de catimbó**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.